

SOCIABILIDADE, ESTEREÓTIPOS E PERCEPÇÕES: ABORDANDO A CULTURA DO MEDO NA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO BÁSICA¹

Paloma Maria Rodrigues Augusto²

RESUMO: Neste artigo, tratarei do processo de elaboração e ministração de uma aula sobre violência urbana para alunos da terceira série do ensino médio de uma escola pública do Rio de Janeiro. A partir da noção sociológica de “Cultura do Medo”, apresentada pelo sociólogo Barry Glassner (2013), procuramos levar os alunos e alunas a uma desnaturalização de suas pré-noções a respeito da violência urbana, a partir de uma perspectiva sociológica, discutindo como o sentimento de *medo*, algo tão íntimo e pessoal, pode ser construído socialmente e utilizado como justificativa para ações repressivas do Estado, aumento da mercantilização da segurança privada, criação de novas configurações de ocupação do espaço urbano, produzindo, desse modo, novas formas de sociabilidade que contribuem para a segregação socioespacial e a manutenção de estereótipos sociais. Ao desenvolvermos e ministrarmos esta aula sobre a cultura do medo difundida pela mídia, verificamos o quanto esse tema pode ser proveitoso para levar os alunos e alunas a um exercício de estranhamento e desnaturalização de suas percepções sobre a violência urbana. Assim, tendo como ponto de partida o sentimento do medo, comum a todos nós, encontramos um caminho alternativo para abordar um assunto tão sensível e ao mesmo tempo presente em nossa sociedade.

Palavras-chave: Estranhamento; Desnaturalização; Violência Urbana; Cultura do Medo; Estereótipos.

ABSTRACT: In this article, I approach the process of preparing and teaching a class on urban violence for third grade students in a public school in Rio de Janeiro. Based on the sociological notion of “Culture of Fear”, presented by sociologist Barry Glassner (2013), we seek to lead students to a denaturalization of their pre-notions regarding urban violence, from a sociological perspective, discussing how the climate of fear can be socially constructed and used as a justification for repressive actions by the State, increasing the commodification of private security, creating new configurations for the occupation of urban space, thus producing new forms of sociability that contribute to socio-spatial segregation and the maintenance of social stereotypes. When we developed and taught a class on the culture of fear disseminated by the media, we verified how useful this topic can be to lead students to an exercise of strangeness and denaturalization of their perceptions about urban violence. Thus, taking as a starting point the climate of fear, common to all of us, we find an alternative way to approach a subject so sensitive and yet so present in our society.

Key Words: Strangeness; Denaturalization; Urban violence; Culture of Fear; Stereotypes.

¹ O presente artigo se trata de uma versão modificada de trabalho apresentado no 6º ENSOC – Encontro Estadual de Ensino de Sociologia, realizado no Rio de Janeiro em 2018.

² Doutoranda e mestre em Antropologia pela UFF. Especialista em Ensino de Sociologia pelo CESPEB/UFF. Bacharela e licenciada em Ciências Sociais pelo IFCS/UFF. Professora de Sociologia na Educação Básica, já tendo atuado na rede particular de ensino, e ex-tutora do CEDERJ/UFF. E-mail: palomariaugusto@gmail.com
Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 119-130.

Introdução

*Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.*

Congresso Internacional do Medo
Carlos Drummond de Andrade

De acordo com as Orientações Curriculares para o Ensino Médio da disciplina Sociologia (OCM-Sociologia), os princípios epistemológicos que devem caracterizar a pesquisa e o ensino das Ciências Sociais são o *estranhamento* e a *desnaturalização* (MORAES & GUIMARÃES, 2010, p.45). Dessa forma, o professor de Sociologia do ensino básico tem diante de si o desafio de abordar temas centrais da vida em sociedade, sobre os quais seus alunos, muitas das vezes, já têm ideias e opiniões preestabelecidas. O tema da violência urbana, por exemplo, é um dos fenômenos sociais mais abordados pela mídia e está presente nas conversas cotidianas de uma grande parcela dos moradores das grandes cidades.

No estado do Rio de Janeiro, onde está localizada a escola onde foi lecionada esta aula, a percepção da violência assume formas específicas, criando e alimentando estereótipos sobre lugares e pessoas, que passam a ser relacionados à violência e ao perigo. Assim, para enfrentar o desafio que é discutir violência urbana em sala de aula neste contexto, concluímos que seria interessante abordar este tema a partir de algo comum a todos nós: o sentimento de *medo*. A partir dessa reflexão, buscamos levar os alunos a *estranhar* e *desnaturalizar* algumas de suas concepções sobre a violência urbana, através da problematização sobre a difusão pela mídia de uma *cultura do medo*.

Neste artigo, portanto, apresentarei minha experiência ao preparar e ministrar uma aula sobre a *cultura do medo* para alunos da terceira série do Ensino Médio do Colégio Pedro II³. Na primeira seção, tratarei do artigo *A violência: possibilidades e limites para uma definição* da socióloga Maria Stela Grossi Porto, que traz apontamentos sobre os tipos de violências existentes e a importância da diferenciação do problema social relacionado a este tema e o desenvolvimento de uma questão sociológica sobre tal problema. Já na segunda seção, apresentarei em linhas gerais algumas das reflexões que serviram de base para a elaboração do plano de aula e para a escolha da metodologia empregada. A terceira seção contemplará, por fim, a dinâmica da aula em si e a interação com os alunos.

1. A violência como objeto sociológico: algumas considerações

Em *A violência: possibilidades e limites para uma definição*, a socióloga Maria Stela Grossi Porto⁴ procura refletir sobre o conceito de violência, considerando-o em seus múltiplos aspectos que envolvem desde a violência vivenciada até as representações sociais sobre este tema presentes no cotidiano dos indivíduos. Segundo a autora, o tema da violência é difícil de ser tratado devido à sua gravidade, de modo que o sociólogo precisa ter “o cuidado de distinguir o problema social da questão sociológica, construir o objeto de pesquisa como condição para avançar as fronteiras do conhecimento” (PORTO, 2010, p.104).

Segundo Porto, apesar da violência estar presente tanto no meio urbano como agrário, a violência urbana ganha maior visibilidade devido à atenção que os meios de comunicação conferem a ela. Desse modo, podemos esperar que nossos alunos tendam a relacionar a violência a assaltos, a estupros ou a assassinatos que são noticiados diariamente nos telejornais. Logo, a violência, para o senso comum, é caracterizada muitas das vezes como sendo uma violência física que tem como objeto o corpo ou a propriedade privada. Mas a autora adverte que é importante não observar a violência como um fenômeno singular, pois “não existe

³ A experiência aqui relatada correspondeu a uma atividade realizada durante o estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFRJ, realizado no Colégio Pedro II – Campus Centro, em 2017, sob a supervisão da professora de Sociologia Silzane Carneiro. Participaram da atividade ainda as também licenciandas à época Mayná Peixinho e Michele Rodrigues. Por este motivo, empregarei ao longo deste texto a primeira pessoa do plural, “nós”, pela característica coletiva da elaboração e realização da atividade supervisionada. Além de agradecer às três pela interlocução, agradeço ainda à professora Marcela Araújo que ministrou a disciplina *Sociologia do Crime e da Violência*, que cursei no IFCS no segundo semestre de 2017, período em que a atividade aqui relatada foi preparada e realizada. As leituras e aulas deste curso contribuíram inegavelmente com minha reflexão sobre este tema.

⁴ Agradeço à orientação da leitura deste artigo pela professora Silzane Carneiro durante o referido estágio. Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 119-130.

violência, no singular, mas violências no plural” (PORTO, 2010, p.104) Deve-se, portanto, privilegiar o aspecto plural da violência, para que ela possa deixar de ser constantemente identificada a um determinado seguimento social, já que, para Porto, a associação da violência à pobreza, à desigualdade e à segregação socioespacial explicaria apenas uma parte do fenômeno, mas deixaria de fora as manifestações de violência vivenciadas ou protagonizadas pelas classes mais favorecidas.

A autora chama a atenção para a importância das representações sociais sobre a violência e sugere que o olhar sociológico deve considerar “as relações entre o fenômeno e as suas representações, mas diferenciando igualmente o conceito de suas manifestações empíricas” (PORTO, 2010, p.105). Ou seja, o tratamento do tema por parte do sociólogo exige uma observação que comporte diferentes perspectivas, como, por exemplo, “ao invés de centrar a análise nos dados brutos da violência, interroga(m)-se o(s) imaginário(s) construído(s) sobre ela, acreditando que as representações produzidas interferem nos comportamentos desenvolvidos frente à violência” (PORTO, 2010, p.105).

Desse modo, o fenômeno da violência necessita ser construído enquanto objeto sociológico. Além disso, ao buscar conceitualizar a violência, é importante distinguir os diferentes tipos de violência, como violência contra a mulher, violência de jovens, da polícia, etc. Nesse processo de classificar os tipos de violência, Porto diz que, inicialmente, deve-se separar a violência física ou aberta, da violência simbólica, como proposto por Pierre Bourdieu, uma vez que, “a subjetividade que caracteriza as dimensões da moral ou do ato simbólico não elimina o caráter de constrangimento dos atos agressivos ao indivíduo, mesmo na ausência de danos físicos” (PORTO, 2010, p.106).

Além do conceito de violência simbólica, o conceito de dominação, segundo a autora, “ajuda a compreender e também dá sentido e conteúdo à noção de violência simbólica” (PORTO, 2010, p.107), pois o conceito de dominação caracteriza o domínio sobre outrem que pode ser físico ou simbólico, reafirmando o caráter múltiplo da violência.

Após uma caracterização detalhada da violência, Porto se volta para autores clássicos da sociologia como Durkheim e Weber e discute de que maneira eles podem ser úteis para tratar do tema da violência. Assim, a partir de algumas destas considerações trazidas pela autora sobre este tema, procuramos desenvolver um plano de aula de modo que permitíssemos aos alunos e

alunas que pudessem construir uma nova percepção e compreensão a respeito da violência urbana.

2. A elaboração do plano de aula

O estágio obrigatório no Colégio Pedro II – Campus Centro, em 2017, foi bastante intenso, uma vez que a professora supervisora nos estimulava não só a acompanhar as aulas, mas também a contribuir com diversas atividades que fazem parte da prática docente, como preparar atividades, questões de prova, recursos didáticos, etc. Entre as atividades propostas pela professora, estava a preparação de uma aula sobre algum dos conteúdos previstos para aquele trimestre. Escolhemos preparar uma aula sobre violência urbana, já que naquele momento estava sendo discutido com os alunos e alunas a relação entre sociedade e espaço urbano, com uso do livro didático adotado pela escola, *Sociologia em Movimento* (SILVA et al, 2016).

Antes de nossa aula, os alunos e alunas já tinham tomado contato com alguns dos conceitos e teorias que tratam dessa relação entre espaço urbano e sociedade como, por exemplo, a teoria sobre o meio urbano desenvolvida pela Escola de Chicago, a noção de cidade como valor de uso *versus* a cidade como valor de troca, os efeitos da segregação socioespacial, etc. O tema da violência urbana seria o próximo assunto que corresponderia à relação sociedade e espaço urbano a ser discutida em sala de aula. Assim, um de nossos objetivos ao abordar este tema era o de dialogar com aquilo que havia sido discutido nas aulas anteriores.

Mesmo não tendo até então experiência como professora de Sociologia, uma das minhas principais preocupações enquanto professora em formação, com relação ao ensino de Sociologia, era como preparar uma aula que possibilitasse aos alunos e alunas que *desnaturalizassem e estranhassem* a vida social através dos conceitos e teorias desenvolvidos pelos autores da Sociologia, de modo que tal aula servisse como um espaço para a legitimação do saber sociológico sobre a sociedade. Assim, buscamos em nosso plano de aula seguir as orientações das OCEM para o ensino de Sociologia, que trazem como princípios epistemológicos básicos a *desnaturalização* e o *estranhamento*, e concluímos que uma forma interessante de abordar a violência urbana seria associá-la à *cultura do medo* difundida pela mídia.

A cultura do medo é o assunto tratado no livro do sociólogo americano Barry Glassner no qual o autor argumenta que a sensação de perigo tem aumentado mesmo quando os índices de violência diminuem. Ou seja, o medo da violência não teria uma correspondência direta com um risco real. Glassner aponta como a sensação de medo é utilizada por diversas organizações públicas e privadas para manipular a sociedade e obter vantagens. Assim, a cultura do medo é responsável por produzir novas formas de *agir, pensar e sentir* influenciando, por exemplo, na maneira como as pessoas se comportam nas ruas, na maneira como são projetadas as construções residenciais que passam a contar com muros cada vez mais altos, entre outras medidas adotadas para aumentar a sensação de segurança.

Assim, o tema escolhido para nossa aula - *violência urbana e a cultura do medo difundida pela mídia*-, se justificava pela possibilidade de propiciar aos alunos e alunas a *desnaturalização* de crenças que envolvessem suas percepções a respeito da *violência urbana*. Entendemos que esse seria um procedimento fundamental para que eles e elas pudessem compreender de que modo o *medo da violência urbana* é utilizado como justificativa para mudanças na administração nas cidades, dos espaços públicos e privados, produzindo, desse modo, novas formas de sociabilidade que contribuem para a segregação socioespacial e a manutenção de estereótipos sociais. Daí a relevância desta aula, ao estimular a *desnaturalização* de determinadas concepções sobre a *violência urbana*, discutindo de que maneira é construída a sensação *de medo da violência urbana* nos indivíduos que moram nas cidades grandes e como este sentimento produz consequências em diferentes esferas da vida social, através da problematização sobre a difusão pela mídia da *cultura do medo*.

Entre os nossos objetivos de aprendizagem, visávamos que os alunos pudessem relacionar a violência urbana e a cultura do medo, identificando, a partir de um exemplo específico, um dos modos de propagação da cultura do medo através da mídia. Queríamos ainda que os alunos compreendessem a relação entre a dramaticidade com que são apresentados os eventos violentos relatados pela mídia e a sensação de medo, o papel da *cultura do medo* na diminuição do grau de coesão entre os indivíduos e os interesses por trás dessa cultura, que serve de justificativa para segregações diversas e venda de proteção.

Para exemplificar de que modo a mídia pode contribuir com a propagação da cultura do medo, utilizamos como recurso didático um trecho selecionado do documentário *A TV*

brasileira vista pelos estrangeiros, produzido por uma emissora de TV inglesa⁵. Neste vídeo, uma apresentadora inglesa apresenta aos telespectadores os bastidores de alguns programas de TV populares no Brasil. Seleccionamos para esta aula um trecho do documentário com cerca de dez minutos, em que a jornalista apresenta os bastidores de um programa policial baiano chamado *Na Mira*, transmitido na hora do almoço na Bahia.

O *Na Mira* é um programa policial que noticia casos de violência ocorridos na Bahia, em sua maioria relacionados a mortes violentas ocorridas em regiões pobres deste mesmo estado. Na abertura do programa é passado um clipe feito a partir da compilação de algumas imagens violentas, entre elas a de um homem desferindo diversos golpes de faca nas costas de uma mulher em um bar. Durante a transmissão das notícias dos crimes pela apresentadora do *Na Mira*, Analice Salles, imagens de corpos ensanguentados e cobertos com lençóis eram televisionados. Chamou a atenção da apresentadora inglesa as interrupções que ocorriam entre uma notícia e outra e que eram utilizadas pela apresentadora para fazer propagandas de alguns produtos de beleza.

Ao ser questionada pela jornalista estrangeira se aquele tipo de conteúdo não seria muito violento para ser transmitido pela TV naquele horário, poucos minutos após um programa infantil, a apresentadora respondeu que considerava que seu programa fazia um serviço de utilidade pública aos noticiar tais acontecimentos, uma vez que, para ela os telespectadores querem saber o que ocorre na cidade, tendo o programa por slogan a frase “sempre ao lado verdade”. A apresentadora do *Na Mira* considera que para aquele horário não deveriam ser transmitidos apenas xingamentos, pois esses eram considerados por ela inapropriados para aquela faixa de horário.

Por esse conteúdo, tal vídeo foi escolhido, ao elaborarmos a atividade, como uma ferramenta para discutir um dos argumentos centrais da noção de cultura do medo apresentada por Glassner, que é o de demonstrar que a sensação do medo da violência não está relacionada diretamente ao aumento da criminalidade, mas sim a aspectos subjetivos relacionados à dramaticidade com que os eventos violentos são relatados pela mídia. Além do vídeo, ainda planejamos o uso de outros recursos didáticos, como uma reportagem de jornal sobre a correlação, no Uruguai, entre a diminuição da violência urbana e a regulação da transmissão de

⁵ O documentário pode ser visto legendado pelo link <https://www.youtube.com/watch?v=A-fAcJMT3Iw> <Acesso em 20/09/20> Trata-se de um episódio do programa *The Greatest Shows on Earth* apresentado por Daisy Donovan no *Channel 4*.

programas sobre violência urbana. Por fim, selecionamos ainda alguns dados fornecidos pelo relatório de 2013 da *Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da ALERJ*, que demonstram o aumento do número de desaparecidos em regiões do Rio de Janeiro onde foram implementadas as Unidades de Polícia Pacificadora.

3. Aplicando o conteúdo na sala de aula

Iniciamos a aula como uma breve incentivação, perguntando aos alunos e alunas do que eles mais sentiam medo com relação à violência urbana. Meninos e meninas apresentavam preocupações distintas sobre este assunto. As meninas, por exemplo, relataram, em sua maioria, o medo de sofrer algum tipo de violência sexual, sendo o medo de assalto o sentimento mais comum compartilhado por todos. Destacamos no quadro a definição de cultura do medo apresentada no livro didático *Sociologia em Movimento* (2013) que define a cultura do medo como um

Resultado cultural desagregador que ocorre quando um sentimento difundido de perigo se reproduz na sociedade, diminuindo o grau de coesão entre os indivíduos e facilitando estratégias de dominação autoritárias, que se valem do processo de isolamento e alienação social. Na atualidade a cultura do medo está fortemente associada à criminalidade urbana e aos valores do senso comum associados a esse fenômeno (SILVA *et.al*, 2013, p.319).

Assim, após esse primeiro momento, exibimos o trecho previamente selecionado do vídeo, que tinha cerca de dez minutos. Logo que o vídeo começou a ser exibido, pudemos perceber que se tratava de um bom recurso didático, uma vez que, durante sua transmissão boa parte dos jovens observou o vídeo com atenção e se descontraíu em momentos que consideraram engraçados. As expressões faciais de espanto da apresentadora inglesa nos bastidores do programa provocaram risadas nos alunos que conversavam entre si sobre o que assistiam. Ao final do vídeo, perguntamos aos alunos sobre o que tinham achado e iniciamos uma discussão sobre suas impressões.

Em linhas gerais, os alunos destacaram algumas impressões como, por exemplo, a cor da pele e do cabelo da apresentadora Analice Salles, branca e loira, que contrastava com imagem das vítimas apresentadas pelo programa, em sua maioria negras. A banalização das mortes apresentadas pelo programa também foi destacada pelos alunos, que comentaram ainda sobre a liberdade que os telespectadores têm de mudar de canal, além disso questionaram sobre

Revista *Perspectiva Sociológica*, n.º 26, 2º sem. 2020, p. 119-130.

a postura da apresentadora estrangeira, que um aluno considerou etnocêntrica, entre outras ponderações.

A questão levantada sobre a aparência da apresentadora serviu de gancho para que comentássemos sobre como esse tipo de programa ajuda a construir estereótipos relacionados à pobreza e à cor da pele. Discutimos o quanto, ao retratar a violência ocorrida em áreas pobres da cidade, esse tipo de programa contribui para a disseminação da imagem de que determinadas regiões são lugares perigosos, estigmatizando tais lugares e as pessoas que lá vivem. Além disso, comentamos que a exibição de corpos negros mortos diariamente nesses veículos de comunicação também contribui para a naturalização dessas mortes. Dessa forma, sob o pretexto de informar a verdade, a mídia efetua um recorte da realidade, dando diferentes tratamentos as violências praticadas ou sofridas por pessoas de diferentes classes sociais.

Assim, como forma de exemplificar como a cultura do medo cria uma falsa relação entre o perigo real e a sensação de medo, comentamos sobre a presença do exército no Rio de Janeiro⁶. Alunos e alunas expuseram seus pontos de vista sobre esse assunto, uns a favor, defendendo que a presença do exército seria uma medida positiva para a diminuição da violência, enquanto outros argumentaram o contrário. Para aprofundar a discussão sobre a atuação da polícia em comunidades e favelas, levamos para os alunos os dados de uma pesquisa feita pela Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da ALERJ, onde se verificou o aumento do número de desaparecidos em áreas onde ocorreu a implementação das Unidades de Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro.

A partir desse dado empírico, procuramos discutir com eles sobre como os discursos elaborados sobre o medo e a violência presentes na sociedade operam como justificativa para determinadas medidas adotadas pelo Estado, com o pretexto do combate à violência, questionando-os sobre tais medidas e sua relação com as imagens difundidas pela mídia sobre a violência urbana. Em posse desses números, pudemos relativizar a eficácia das medidas repressivas do estado, demonstrando que, na maioria das vezes, tais ações servem apenas para oprimir e subjugar os moradores de áreas consideradas perigosas.

Seguindo para o final da aula, distribuimos o trecho de uma reportagem que relata como a violência no Uruguai diminuiu após maior controle sobre programas que ampliavam a

⁶ A atividade ocorreu em 2017, antes da intervenção militar ocorrida no Rio de Janeiro em 2018, mas em um contexto de constante solicitação, por parte do governo estadual, da atuação das forças armadas no Rio de Janeiro, em relação à segurança pública.

sensação do medo, estipulando horários para que conteúdos violentos fossem transmitidos na TV⁷.

Finalmente concluída a aula, verificamos que os recursos didáticos escolhidos para a aula atingiram o objetivo de exemplificar e aprofundar a discussão sobre os efeitos na vida social causados pela difusão da cultura do medo. Procuramos demonstrar como as representações criadas pela mídia sobre a violência produzem ações na sociedade, que acabam por aprofundar a violência, à medida que aumentam a segregação socioespacial e alimentam preconceitos sobre determinadas camadas da população, ao mesmo tempo em que geram lucros para aqueles que comercializam a segurança.

E, por fim, com base na reportagem sobre o Uruguai, elaboramos ainda uma questão para os alunos e alunas responderem e verificarmos sua aprendizagem (ANEXO 01), que foi acolhida pela professora supervisora e integrou a avaliação daquele trimestre letivo. Pelos resultados dos alunos e alunas ao responderem esta questão, verificamos que todos os objetivos foram plenamente atingidos.

Considerações finais

Neste artigo, relatei em linhas gerais a experiência vivenciada no estágio obrigatório no Colégio Pedro II - Campus Centro. Ao desenvolvermos e ministrarmos uma aula sobre a cultura do medo difundida pela mídia, verificamos o quanto esse tema pode ser proveitoso para levar os alunos e alunas a um exercício de *estranhamento* e *desnaturalização* de suas percepções sobre a violência urbana. Assim, tendo como ponto de partida o sentimento do medo, comum a todos nós, encontramos um caminho alternativo para abordar um assunto tão sensível e ao mesmo tempo tão presente em nossa sociedade.

Além de perceber que o tema e a metodologia escolhidos tiveram bons resultados com relação à aprendizagem dos alunos, ao entrar em contato através da experiência do estágio com os alunos e alunas do terceiro ano do ensino médio, percebi o quanto cada um daqueles e daquelas jovens fazia parte de um mundo de relações pessoais que orientam suas visões de

⁷ A reportagem pode ser acessada em <http://veja.abril.com.br/entretenimento/governo-uruguaio-controlara-imprensa-para-lutar-contraviolencia/amp/> <Acesso em 20 de setembro de 2020>.

mundo. Esse fato me chamou a atenção para a importância de refletir sobre a maneira como lecionamos os conteúdos da Sociologia para os alunos e alunas.

Acredito ainda que em um contexto no qual temos observado um retrocesso em relação ao respeito aos Direitos Humanos, com visões fascistas sendo muitas vezes defendidas sem constrangimentos, cabe ao professor de Sociologia se investir de todos os recursos que a o conhecimento produzido pelos sociólogos e sociólogas oferece, a fim de legitimar o saber sociológico em sala de aula e contribuir para formar cidadãos críticos que saibam usar as lentes desse saber, por si só revolucionário, que é o saber produzido pela Sociologia!

Referências bibliográficas

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Relatório da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Alerj*. Rio de Janeiro: ALERJ, 2013.

SILVA, Afranio et.al. *Sociologia em Movimento*. São Paulo: Moderna, 2013.

GLASSNER, Barry. *Cultura do Medo*. São Paulo: Editora Francis, 2013.

GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca & MORAES, Amaury Cesar. Metodologia de ensino de Ciências Sociais: relendo as OCEM-Sociologia. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. A violência: possibilidades e limites para uma definição. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

ANEXO 01

Exercício – 3ª série – 2º trimestre

Leia a notícia abaixo e faça o que se pede.

“O Governo uruguaio irá controlar o conteúdo dos noticiários como parte de uma série de medidas para lutar contra a violência no país, afirmou nesta quarta-feira o ministro do Desenvolvimento Social, Daniel Olesker.

O Governo de José Mujica buscará ‘promover, em diálogo com os veículos de comunicação e seus trabalhadores, formas de auto-regulação quanto à publicação das informações referidas a segurança e violência’, destacou o ministro em entrevista coletiva. Também se buscará o ‘envolvimento’ da imprensa na ‘promoção de valores e direitos’ para alcançar uma ‘melhor convivência’.

O anúncio é parte da denominada ‘Estratégia pela vida e a convivência’, plano que inclui também a legalização ‘controlada e regulada’ da maconha. O Governo uruguaio prepara ainda uma ‘Lei de serviços de comunicação audiovisuais’ que, segundo Mujica, tenta regular serviços como rádio e televisão, mas ‘sem o interesse de regular o conteúdo dos noticiários’. A ideia é garantir um sistema de imprensa ‘diverso e plural’ e reduzir a concentração na televisão, assinalou Mujica no mês passado. Além disso, serão assinalados na nova legislação quais são os direitos e obrigações ‘de caráter social’ que as empresas devem observar.

‘Não é um projeto de lei para amordaçar a imprensa e os jornalistas. A ideia é garantir mais liberdade de expressão, não só para a mídia, mas também para todas as pessoas’, assegurou Mujica.”

Montevidéu, 20 de junho de 2012. Disponível em: <
<http://veja.abril.com.br/entretenimento/governo-uruguaio-controlara-imprensa-para-lutar-contra-violencia/amp/>>, Acesso em 13 de agosto de 2017.

Como vimos no decorrer deste trimestre, a *cultura do medo* tem impactado a vida das pessoas nas cidades, produzindo efeitos como a diminuição da coesão social entre os indivíduos, a segregação socioespacial, o aumento da demanda por equipamentos de segurança pública e privado, entre outros. Com base nas aulas e nos textos do trimestre, assinale a alternativa correta.

- (a) A *cultura do medo* independe das notícias veiculadas pela mídia, pois o sentimento de medo é um instinto comum a todos os seres humanos.
- (b) A medida adotada pelo governo uruguaio não contribui com a diminuição da *cultura do medo*, uma vez que os programas policiais apenas veiculam casos de violência urbana que ocorrem tanto nas periferias como nas áreas nobres das grandes cidades.
- (c) A medida adotada pelo governo uruguaio ajuda na diminuição da *cultura do medo*, pois difusão da sensação de medo está ligada não apenas ao crescimento real da criminalidade, mas também a fatores subjetivos, como a dramaticidade de eventos violentos pela mídia.
- (d) A mídia contribui com a diminuição da *cultura do medo*, pois ela apresenta dados estatísticos confiáveis sobre a violência urbana que ajudam os cidadãos a se protegerem.

Gabarito: C